

AÇÃO DIRETA

MENSARIO ANARQUISTA

Diretor: JOSÉ OITICICA

Redação: RUA BUENOS AIRES, 147-A — 2.º ANDAR — SALA 2

Administrador: MANUEL PERES

ANO VI — N.º 73

Rio de Janeiro, Maio de 1951

Preço: Cr\$ 1,00

CAIXA POSTAL 4.588

CADERNO DE QUESTÕES SOCIAIS

Estão à venda o n.º 1 — O Evangelho da Hora por Paulo Berthelot, e o n.º 2 — Histórico do 1.º de Maio.

Banca da Galeria Cruzeiro, esquina de Bitencourt da Silva.

PEDIDOS PARA

Manuel Peres
Caixa Postal 4588
D. Federal

PREÇO: CR\$ 4,00

BARCELONA EM GREVE

Por MANUEL PERES

Justamente no momento em que a O.N.U., que tanto fala em democracia e liberdade, concedia favores políticos e econômicos ao fatídico Franco, e quando o proletariado internacional assistia indiferente ao extermínio sistemático dos seus irmãos de Ibéria, os trabalhadores de Barcelona e do resto da Espanha, num gesto unânime de revolta, davam ao mundo uma lição sublime de heroísmo e dignidade.

E este grito de revolta contra o regime franquista, e de desprezo aos que toleram as suas infâmias, partiu da capital da Catalunha, da grande cidade de Barcelona, baluarte do movimento confederal e anarquista, em cuja história figuram as páginas mais gloriosas das lutas pela liberdade humana.

E esta Barcelona recorda-nos os mártires de Montjuich, no princípio do século, os dias inesquecíveis de julho de 1909, com a chamada "Semana Trágica" que teve como epílogo o fuzilamento de Ferrer Guardia, as lutas de 1920 e 1921 contra a obra reacionária dos generais Anido e Arlegui, e finalmente as jornadas fecundas de julho de 1936, quando o seu povo heroico, tendo à frente as figuras grandiosas de Ascaso e Durruti, enchendo de cadáveres as ruas da cidade, tomava de assalto o Quartel de Atrazanas onde estava instalado o comando supremo das hordas fascistas.

ORIGEM DA GREVE GERAL

Há doze anos que, em virtude da covardia internacional, Franco instaurou na Espanha o regime fascista, superando em crueldade o que os seus mestres e aliados, Hitler e Mussolini, haviam instaurado anteriormente na Alemanha e na Itália.

Repletas as prisões e os campos de concentração de prisioneiros políticos e sociais, suprimidas todas as liberdades, e submetido o povo à miséria e ao desespero, com torturas, fome e fuzilamentos sistemáticos, ninguém podia supor que este povo tivesse bravura suficiente para elevar publicamente o seu grito de revolta.

E o que causava maior assombro é que, em plena clandestinidade, e exposta a todos os perigos imagináveis, a organização confederal e anarquista atuava regularmente em toda a Espanha, com seus "comitês" locais, regionais e nacionais, e esta organização clandestina, desafiando a fúria do tirano, proclamou a greve geral para o dia 12 de Março, como protesto contra a elevação do custo da vida, contra o regime franquista, e como repulsa à covardia internacional simbolizada no gesto grotesco e claudicante da O.N.U.

Já nos primeiros dias de Março, o povo de Barcelona manifestava publicamente a sua revolta declarando o boicote à Companhia de Bondes, que com o beneplácito do governo franquista havia decretado o aumento das passagens, e nesta luta, que teve momentos de emoção e de violência, o povo foi vencedor, já que, durante três dias, ninguém, nem mesmo os elementos da burguesia e da classe média, quis viajar nos referidos veículos e os poucos que circulavam eram conduzidos e escoltados pela força pública.

Este triunfo, que foi a prova de fogo contra o regime, serviu como ponto de partida para um movimento de maior envergadura, que havia de culminar na greve geral do dia 12 de Março, à qual prestaram o seu concurso todos os trabalhadores de Barcelona organizados na C.N.T. — F.A.I. — U.G.T. — Partido Socialista e outros setores avançados das organizações de tendência republicana e anti-totalitária.

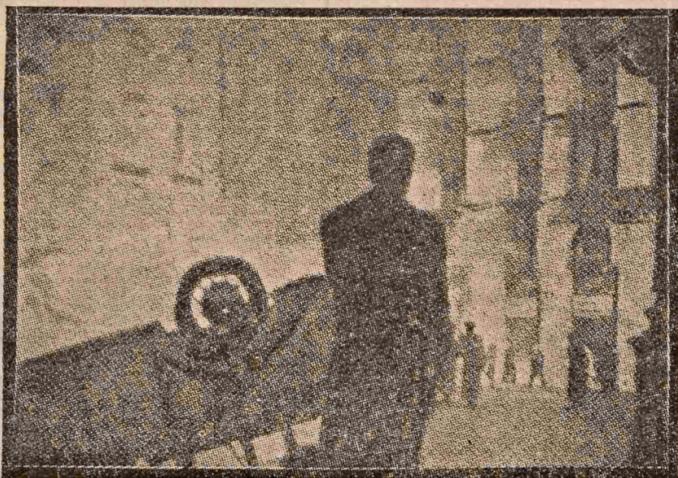
A Federação Local de C.N.T. publicou dias antes o seguinte manifesto dirigido ao povo de Barcelona — "Povo de Barcelona! A unanimidade manifestada contra a exploração da companhia de bondes deve repetir-se para combater o infame sistema político existente na Espanha.

Por conseguinte, esta Federação recomenda a todos os trabalhadores que declarem a greve geral na segunda-feira, dia 12 do corrente, afim de protestar contra a carestia da vida e contra o terror franquista.

Simultaneamente a Federação Local de Grupos Anarquistas — F.A.I. — fazia circular profusamente, por toda a cidade, o seguinte apelo dirigido ao povo e aos trabalhadores em geral...

"TRABALHADORES! POVO DE BARCELONA!"

O regime de Franco, odiado por todo o povo espanhol, acaba de receber o apoio diplomático e econômico dos chamados — Estados Democráticos — que querem o concurso militar do fa-



tídico Caudillo para fazer frente ao perigo Stalinista.

A política capitalista do ocidente volta a atrair os interesses e a liberdade do povo espanhol sob o pretexto de defender uma civilização, — que eles dizem — tem como base os princípios fundamentais da liberdade!

Contra esta comédia devemos manifestar-nos pronta e enérgicamente. E a greve geral do dia 12 será o prólogo da nossa ação revolucionária, e o seu êxito demonstrará ao mundo que os cálculos diplomáticos e militares, querendo aproveitar o concurso de Franco e seu regime, são hoje insensatos e serão catastróficos amanhã.

Nossa greve significará o repúdio unânime do povo espanhol ao falangismo, que está condenado a terrível derrota, mau-grado o apoio que recebe do capitalismo internacional.

Pela nossa dignidade! Que ninguém negue o seu concurso a este movimento, que será a repulsa à tirania franquista e um lição de dignidade à covardia internacional.

Liberdade para a Espanha!... Abaixo o franquismo!

Como estava previsto, a greve foi unânime, assumindo caráter francamente revolucionário, pois o povo, cansado já de tanta miséria e tanta tirania, longe de fugir à aproximação da Guarda Civil e da Polícia Militar fazia frente aos sicários do franquismo, travando verdadeiros combates.

Os bondes e outros veículos, de preferência os automóveis oficiais eram assaltados e queimados na praça pública, e um grupo de mulheres, dando provas de um heroísmo invulgar, assaltou o edifício da municipalidade chegando a queimar suas portas e janelas.

O movimento grevista estendeu-se a toda a província de Barcelona e suas cidades mais importantes, como Maresa, Tarrasa, Badalona, Sabadell e Mataró, cujos habitantes lutaram com o maior entusiasmo, e como nota simpática é justo mencionar, que os bombeiros, chamados com urgência para apagar o incêndio de um bonde, ao chegarem, rindo irônica e jogavam água apenas sobre as rodas de ferro, e como um polícia reclamasse afirmando que assim não apagavam o fogo, exclamaram:

Nós também sofremos, como o povo, as torturas da fome e da miséria!

Tão grave foi a situação, já que o próprio exército se negou a colaborar com a polícia contra os grevistas, que o governo ordenou que seguissem para Barcelona os navios de guerra "Menéndez Núñez", "Elcano", "Gravina" e "Liniers" afim de cooperarem na repressão aos trabalhadores.

Só em Barcelona o número de grevistas foi superior a 300.000, e o movimento, embora dominado depois de três dias de luta titânica, constituiu um verdadeiro triunfo, já que o governo, apesar da violência empregada e da prisão de mais de 6.000 trabalhadores, se reuniu extraordinariamente para proibir o aumento das passagens de bondes que anteriormente havia autorizado e tomar medidas energéticas para combater o Câmbio Negro e evitar novos aumentos no custo da vida.

No terreno internacional, a repercussão foi formidável e a imprensa francesa, com unanimidade absoluta, elogiava o povo espanhol pelo seu gesto de revolta contra o franquismo, e ao mesmo tempo, os chamados Estados Democráticos, que na O.N.U. defenderam o regime de Franco, compreenderam que este palhaço trágico nada representa, já que é odiado profundamente pelo povo, que só consegue dominar pela força bruta das armas, e pela covardia suicida de um mundo, que não pensa, que defendendo a liberdade do povo espanhol detene a sua própria liberdade.

O POVO PERDEU O MEDO!

O interessante da greve geral de Barcelona é que, como um rastilho de pólvora, ela se estendeu a outras regiões da Espanha, como Madrid, San Sebastian, e Alicante, colocando o governo franquista numa situação verdadeiramente crítica.

O povo perdeu o medo, pensando, logicamente, que entre morrer de fome e de desespero, ou sucumbir lentamente nos cárceres e campos de concentração do fascismo, é preferível expor a vida para derrocar a tirania e reconquistar a liberdade, essa liberdade que ele instaurou nas jornadas memoráveis de Julho de 1936.

Que o proletariado internacional aproveite esta lição de heroísmo e de dignidade e não abandone os seus irmãos da Espanha, certo de que muito breve, talvez antes do que muitos julgam, o regime de Franco desaparecerá para sempre, livrando a humanidade de uma das suas maiores vergonhas...

Repitamos hoje o que afirmava o grande Sebastian Faure em 1926.

"As ditaduras não são imortais, porque imortal é só o homem que luta sem descanso pela conquista da liberdade."

Curso de Literatura

Não podendo ser publicado neste número, prosseguirá, entretanto, normalmente, no próximo.

FRANCO AGONIZANTE

(do México para Ação Direta)

Por H. PLAJA

O ÊXODO

Por MOACIR JOSÉ DOS REIS

O deslocamento do trabalhador, do campo para a cidade, vem sendo uma coisa — dentre muitas outras — que reflete bem a decadência em que se encontra a sociedade atual.

É uma enfermidade que se agrava dia a dia, e o Estado nada pode fazer porque é uma situação criada automaticamente por ele próprio, que, com sua máquina burocrática, fabrica somente misérias.

O êxodo do camponês para os centros industriais é um flagelo de funestas consequências. Cansado de suportar a opressão do fazendeiro, o infeliz, desesperado de sofrer tanta miséria, cheio de fome e doença, abandona a "roca" e vem para a cidade em procura de melhores dias, coisa impossível na sociedade capitalista.

Chegando à Cidade, sente-se logo desiludido, porque não encontra casa para abrigar-se, ficando exposto ao tempo, com esposa e filhos não arranja emprego porque os poucos que há são para os apaniguados da política.

Conclusão: ficam abandonados pelas ruas como cães leprosos, formando uma legião de desajustados de que só se pode esperar crime e substituição. Tudo isso por culpa do Estado que mantém policiais com dieta especial, generais, almirantes e brigadeiros passeando de Cadillacs pelas avenidas, enquanto a força viva da nação, o trabalhador, vive abandonado na mais negra miséria.

A Técnica Moderna e a Liberdade

Por GERMINAL

Num mundo como o nosso, em que o capitalismo, protegido pelo Estado, é a personificação da escravidão moderna, é perfeitamente compreensível que os resultados das pesquisas científicas e suas aplicações, não sejam utilizados unicamente para o bem-estar da humanidade, mas também para o seu aniquilamento.

Com a desintegração do átomo, a ciência deu a impressão de ter vencido a natureza em todas as frentes. Mas a cada vitória sua sofreu o homem, em sua liberdade, uma nova derrota.

Tudo o progresso da ciência, nas mãos do Estado e do Capital, converte-se em arma contra milhares de seres humanos.

Os cientistas estão convencidos de que é um dever patriótico munir o Estado de meios cada vez mais eficazes de "defesa". Por isso, esforçam-se por conseguir milagres técnicos, que possibilitem a uma minoria conservar numa escravidão o desesperadora, a massa por ela oprimida.

Bombardeiros, tanques, lança-chamas, etc., não são os únicos "presentes" com que os cientistas nos têm agraciado. Também as impressões rotativas muito têm contribuído para o aumento do poder da classe dominante. O que dizemos da imprensa pode ser muitas vezes multiplicado com referência à emissão radiofônica. As palavras faladas convencem muito mais que as impressas.

A técnica moderna aparelhou o poder reinante, não só com melhores meios coercitivos, mas também com instrumentos que influenciam e entontecem a massa crédula.

O progresso técnico traz, como consequência, além de outras, a falta de trabalho. Cada instalação de uma nova e mais produtiva técnica de trabalho, colocada no lugar da antiga, resulta numa diminuição no emprego de força humana, o que, na organização atual, só traz benefícios ao empregador. Por esses motivos, o progresso técnico representa, para o proletariado, apenas insegurança, tanto social como econômica.

Existe uma saída desta lamentável situação em que, graças à ciência se encontra hoje o proletariado?

Os defensores do socialismo estão a dizer que o único remédio é a socialização dos meios de produção ou, em outras palavras, a completa centralização dos poderes econômicos e político nas mãos de um governo. Mas sabemos pela experiência, que o poder é expansível e só se deixa conter por um poder semelhante. E o Estado, socialista ou qualquer outro, não permite a formação de um poder capaz de fazer-lhe frente. É difícil de admitir que a massa, escravizada por uma minoria que a ciência muniu de tanques e bombas atômicas, possa enfrentar com sucesso essa minoria.

É claro que a ciência não é o único fator que conduz a essas circunstâncias. Nenhum mal social tem uma causa única. Afirmamos apenas, que a ciência é utilizada como um fator de decadência da liberdade e de centralização do poder.

A ciência aplicada toca a vida da sociedade em diversos pontos e por isso, tem reforçado o poder da minoria por diversas maneiras.

Os resultados da ciência são aplicados de modo que aumente o poder do Capital e do Estado à custa da liberdade individual.

É ainda possível crer que ela trabalha para o bem da humanidade, quando está, evidentemente, a serviço do Estado e do Capital?

Apesar de mais meio século de "progresso", a massa não dispõe de armas para lutar contra a reação.

Ao mesmo tempo, os melhoramentos dos meios de comunicação reforçam enormemente o poder da polícia.

Se o povo quer resistir à minoria dominante, terá que fazê-lo em outro campo em que a superioridade técnica é de menor importância. A resistência passiva deve enfraquecer de tal maneira o poder estatal, que, a greve geral, que forçosamente se lhe seguirá, sirva de trampolim para o choque armado.

Por mais que se esforcem os anglo-saxões; por muito que ponham, no prato da balança, favorável ao regime de terror imperante na Espanha, vai o povo minando, dia a dia, as bases carcomidas sobre que ele assenta.

Detenções, atropelos, bárbaras pauladas de arrancar peitos às mulheres, de espantir mandíbulas aos homens, contorções causadas por amputações de membros a puro garrote, lanhos na carne de homens, suspensos aos tetos das chefaturas de polícia, para fazê-los cantar, em nada contribuirão à manutenção de um regime a que têm ajudado todos os canchais da terra.

Indalécio Prieto, o político socialista, que sempre anda a par de tudo, aquele que zelosamente guarda o dinheiro trazido de Espanha para especular com os que há de ajudá-lo, nas transações próximas, a solucionar o problema de Espanha, deu no cravo dizendo que, não só nos foi dado conhecer o célebre dito dos burgos podres, com que se anatematizava o sistema de compra de votos para ganhar pleitos, mas também é força reconhecer agora que todo o mundo está podre. E, enquanto agoniza Franco pela pressão interna e um político profissional qualifica de podre o sistema capitalista, alguns há, militantes salientes da C. N. T., revolucionária, que afirmam a conveniência da colaboração governamental. Equivale isso a dizer que essa é a única forma de aplicar patches ao sistema e reforçar os crimes cometidos em seu nome.

UMA "ENQUÊTE" de "Ação Direta"

A fim de saber o que os leitores pensam de "Ação Direta" e no afã de melhorar a sua apresentação e o seu conteúdo, a redação organiza uma "enquete".

Para facilitar a apresentação de críticas e sugestões, eis aqui um questionário com diversas perguntas, relativas aos assuntos que mais influem na vida do jornal.

Que acham da apresentação?
Que acham dos artigos em geral?
Que acham do "Curso de Literatura"?

Que acham de "Figuras do Anarquismo"?

Gostariam de ver "AÇÃO DIRETA" mais combativa ou mais doutrinária?

Quais os assuntos que deveriam ser tratados para maior divulgação do nosso periódico?

Antecipadamente agradecemos o envio de respostas.

Como pretendemos publicar as mais interessantes, em nosso periódico, pedimos aos nossos leitores que mencionem, em suas cartas, se as mesmas podem ser publicadas.

Mandem as respostas para Caixa Postal 4588 — Rio de Janeiro.

★

RESPOSTA DE JOÃO ALVES CORTEZ VALENTE (S. Paulo)

Item 1.º — Magnífica. É pena que não possa ser mais difundida.

Item 2.º — Muito bons.

Item 3.º — Muito bom.

Item 4.º — De enorme vantagem, especialmente na época atual em que a propaganda bolchevista, tal qual a gripe, atinge até as camadas burguesas que agem sem raciocínio.

Item 5.º — Acho que a orientação de "Ação Direta" é boa e, assim, não vejo razões para a sua modificação.

Item 6.º — Julgo que, para impressionar as massas e ser assim mais difundida, "Ação Direta", deve tratar o assunto do custo da vida atual, explorado no regime burguês pelos tubarões e à sombra desse regime.

★

RESPOSTA DO MOTORNEIRO WILSON PEDROZO (S. Paulo)

A minha resposta é só dada ao item 6.º: Luta material e moral contra todas as instituições do Estado, contra o imposto sindical que é um roubo, contra os métodos de repressão policial.

Viva a liberdade com respeito mútuo aos direitos do próximo.

RESPOSTA DE "LYSENKO" (Distrito Federal)

Colaborando na "enquete" do seu jornal, aprez-me responder às interrogações nela contidas.

1) — Que acham da apresentação?

Acho-a boa. Podia-se, entretanto, acrescentar, em "manchettes" vivas, algum acontecimento recente, que mostrasse claramente a injustiça social e pudesse interessar diretamente à grande massa da coletividade. A ação da polícia-política contra os pobres e indefesos trabalhadores é um bom exemplo. A falta de habitações, de carne, de leite, etc. A degradação moral do momento, a prostituição e demais chagas da nossa "mui querida e sagrada civilização cristã".

Explore-se, no bom sentido, uma coisa "corriqueira", que esteja em voga, como acontecimento social, adaptando-a ao ponto de vista da teoria social anárquica. Explicar-se-ia como seria resolvido o problema no mundo anarquista, dizendo os porquês dos erros do regime de "usurpadores da terra e de traficantes do trabalho humano", em que ora vivemos.

Finalizando, de um modo geral, a apresentação tem sido boa.

2) — Que acha dos artigos em geral?

Muito bons. Satíricos mesmo, mas pecando, às vezes, por não esclarecer, nitidamente, a devida solução anárquica, para o caso. Não deixam, por isso, de nos agradar bastante, pois dizem exatamente o que queríamos dizer, para destruí-lo, como mal que é, mas sem concepção de recompô-lo, como bem que deve ser. Confesso-lhe que eu, embora tenha lido alguma coisa, ainda não atino bem com o perfeito mecanismo cotidiano da vida entre os povos, que venham a adotar o regime anárquico. É preciso ensinar ao povo, de maneira simples e clara, como ele viverá, numa sociedade anárquica. Isso é muito importante.

3) — Que acham do "Curso de Literatura"?

Do ponto de vista da divulgação e aprimoramento da língua portuguesa, muito interessante. Políticamente, não. É coisa muito elevada e até indifferente para os operários e o povo em geral. Podia ser substituído por outra seção, por exemplo "Vida Sindical", "Operários e Fábricas", "Camponeses e Terras", etc., onde contaríamos ao público as injustiças sociais, as irregularidades, etc., existentes em cada sindicato, cada fábrica, cada campo do "interland" brasileiro e cada família de operário. É necessário fazer-se com que o operário — pois o operariado constitui quase a totalidade do povo — se interesse por estas seções, como

defensora dos seus direitos e como divulgadora de suas máguas.

4) — Que acham de "Figuras do Anarquismo"?

Muito boa seção. Indispensável mesmo. Ela mostra a nós outros, de hoje que outrora viveram homens e mulheres, que lutaram e morreram pelo ideal de verem na terra uma sociedade realmente humana, uma sociedade sem o "meu" e o "teu" portanto sem o dinheiro, que representa a propriedade, sem medo, sem preconceito, sem prostituição, sem religião, sem Estado, sem militarismo, sem lei... Conservem-na, ela dá maior brilho e respeito ao jornal e ao ideal.

5) — Gostaria de ver "Ação Direta" mais doutrinária ou mais combativa?

É difícil responder-se por exclusão. É preferível que seja sobretudo doutrinária. Não se deve, porém, deixar que esta qualidade faça com que o jornal caia na monotonia. Os artigos exclusivamente doutrinários são muito úteis na divulgação da doutrina. A natureza combativa do jornal, entretanto, não deve morrer, é um grito de protesto contra a injustiça social, contra o privilégio e a existência de classes. Devemos, ecléticamente, juntar o útil ao agradável, se assim me posso expressar, isto é, de uma atitude combativa, tirarmos os elementos necessários para umas considerações de ordem doutrinária. O calor da refrega abre mais a nossa inteligência e o nosso interesse.

6) — Quais os assuntos que deveriam ser tratados para maior divulgação do nosso periódico?

a) — De um modo geral já falamos acima, na parte que toca à orientação político-social.

b) — Os exemplares de "Ação Direta", embora em reduzido número, deveriam dar vida a quase todas as bancas de jornais, sobretudo na zona urbana e suburbana, independentemente dos inumeráveis assinantes que deverá ter e que, comodamente, a recebem pelo correio.

c) — Poder-se-ia, também, angariar anúncios para facilitar o custeio do jornal e torná-lo, aparentemente, vulgar, como os outros...

d) — Outras seções interessariam pelos esportes, muito do gosto do povo pelas notícias sociais, humorismo, correspondência, fatos atuais, poesia e pensamento, para o comum das pessoas, que não estão interessadas em problemas de natureza político-social, mas que um dia poderão estar e já se encontrarão, pois, bem encaminhadas...

★

Nota de "Ação Direta". Devemos observar ao companheiro Lysenko, para bem orientá-lo e aos nossos leitores, que nenhum jornal ou periódico anarquista do mundo aceita anúncios pagos. Seria colaborar com o capitalismo na sua obra de propaganda exploradora. O mesmo diremos dos esportes como se fazem. No mais, são excelentes suas observações.

A Sociedade Anárquica

Por LYSENKO

Tentaremos descrever aqui um pequeno esboço da organização anárquica. Esta tentativa é, naturalmente, elementaríssima, mas assim deve ser, a fim de que os nossos prezados leitores possam, aos poucos ir tomando contato com as idéias anárquicas.

Inicialmente, podemos dizer que, na futura sociedade — a sociedade anárquica, — não haverá dinheiro ou seu equivalente, não haverá leis, mas sim, ACÓRDO-MÚTUO entre o INDIVÍDUO e a COLETIVIDADE a que ele pertencer e da qual retirará tudo de que necessitar para sua humana existência. Não teremos governos, nem autoridades, nem pátrias, nem fronteiras. Tudo isso é mera e pernicioso convenção do homem. A pátria é a grande mentira, que a solécia das classes dominantes criaram, para melhor explorar os seus semelhantes. Uma língua regional e outra universal, a ser necessariamente divulgada, para o intercâmbio dos seres humanos das mais distantes regiões terrestres, serão usadas. Parece-nos que já existe, neste sentido, um movimento a fim de tornar o Esperanto língua universal, não visando, segundo supomos, a qualquer finalidade política. Mudanças radicalíssimas processar-se-ão no "modus vivendi" dos povos. Isto, sim, é revolução social.

A Comuna é a célula básica da organização anarquista; é a sua vigamestra. Nela se fundamentam os princípios da Teoria Social Anárquica. Ela será a molécula da futura sociedade humana. Assim, um conjunto de Comunas forma um Município. Uma reunião de Municípios constitui uma Federação, que unida às demais, originará a Confederação, esta de natureza tipicamente internacional. Como vemos, todas as outras unidades anárquicas, nada mais são que simples somas de Comunas.

Territorialmente falando, a Comuna equivale aproximadamente ao que chamamos município. É uma região habitada — ecúmeno geográfico, — cujos trabalhadores, reunidos em suas respectivas associações de classes, os sindicatos, formam a Comuna propriamente dita. Ela é a Livre Associação dos Sindicatos de um Ecúmeno Geográfico. O Município Anárquico corresponde aos Estados componentes dos diversos países; a Federação, aos próprios países e a Confederação se identificaria, num esforço imaginativo de comparação, com a Organização das Nações Unidas, caso nela fôsem parte todos os povos da Terra. Esta comparação, como é óbvio, só é altamente ao sentido administrativo, e sobretudo citada para que possamos ter uma idéia geral e clara da organização de uma sociedade anarquista, a fim de que não nos pareça tão absurda, como o leigo vulgarmente a julga.

Já podemos ver que o Federalismo imperará. Tudo será feito de baixo para cima, conforme as necessidades e capacidades comunais. Por isso, o Município coordenará as atividades das Comunas; a Federação, a dos Municípios. A Confederação funcionará como coordenadora das atividades das Federações e distribuidora das riquezas. Esta coordenação se processará por conferências anuais.

Apenas três tipos equivalentes de classes trabalhadoras existirão. Os RURAIS (camponeses), os OPERÁRIOS e os ANEXOS. Este últimos constituem classes muito reduzidas. São os médicos, os dentistas, os professores, os artistas, os enfermeiros, etc. Toda elas de indispensável necessidade para a perfeita vida comunal.

Hoje em dia além das classes citadas, temos a militar, a judiciária, a sacerdotal, a possuidora, os funcionários públicos e outras mais, criadas pela complexidade da máquina estatal. Algumas destas elaboram trabalho não-produtivo, como os militares e os funcionários públicos, e outras são exclusivamente parasitárias, como a possuidora e a sacerdotal. Quem realmente produz riqueza ou trabalho útil — atualmente traduzido por dinheiro — são os OPERÁRIOS e os CAMPONESES (rurais), assistidos pelas classes, cujos componentes trabalhadores, a Anarquia denominou ANEXOS. Não há, pois, razão, em hipótese alguma para a existência das demais classes, mantidas às expensas do trabalho e do suor alheio e, sobretudo, altamente nocivas ao bem-estar comum.

A ordem e a Disciplina Funcionais são indispensáveis. Nelas, entretanto, não medrará qualquer sombra de autoridade, porém a função de distribuir os serviços, conforme a Capacidade de Execução de cada Trabalhador. A Disciplina é baseada no Acórdo-MútuO, já referido, no interesse de cada Comuneiro.

Os crimes diminuirão muito, pois, salvo casos patológicos, que serão hospitalizados, eles são motivados pela ambição da riqueza e pela insatisfação sexual, criadora de paixões doentias. Não havendo dinheiro — pois a propriedade é um roubo e a moeda, a sua representante "legal" — sendo, por fim, facilitada a união dos dois sexos, decrescerá de muito o seu índice. Normalmente, o homem não mata.

O amor será livre, natural. A concepção, entretanto, deverá ser regularizada conforme os ditames da Eugenia e segundo determinações dos Sindicatos Médicos das diversas células sociais da Anarquia. Os filhos serão bens preciosos da Comuna, por ela criados e educados. Viverão com seus pais até os sete anos, mais ou menos, quando deverão ser encaminhados à Superintendência de Educação, onde serão investigadas e aproveitadas suas aptidões. Os velhos serão os inválidos do trabalho, dignos de todo o respeito e admiração.

Os Serviços de Transporte e de Estatística terão, nesta forma de vida, importante função. Cada unidade anárquica terá seu almoxarifado. Os Comuneiros não terão a propriedade das coisas, serão possuidores do direito de usá-las, isto é, terão o usufruto, mas, para tanto, têm de observar a máxima do Anarquismo: "DE CADA UM, SEGUNDO SUAS FORÇAS; A CADA QUAL, SEGUNDO SUAS NECESSIDADES".

O PROBLEMA DA DIREÇÃO

A direção da fazenda coletiva cria igualmente um dos mais interessantes problemas. Deve a Kvtzta ser dirigida por pessoa eleita ou por uma junta? E a própria junta deve ser eleita por um ano, dois ou por período mais curto? Há de os membros da Kvtzta estar aptos para assumir, em dado momento, a direção?

Nesse ponto, evoluíram muito as fazendas coletivas. Há doze anos, o autor desta obra, numa viagem à Palestina, atravessou Kvtzot cujos membros tão ciosos eram do caráter ultrademocrático de sua colônia, que haviam assentado um sistema de revezamento, a fim de que cada qual dos membros pudesse participar da direção. Em tais Kvtzot, escolhia-se nova junta diretiva todo mês e a única concessão aos princípios de continuidade na direção era a do renovação da junta pela metade. Nessas Kvtzot ultrademocráticas, era interdito reeleger um membro antes de haverem sido eleitos todos os demais. Além disso, toda decisão de importância geral tinha de ser tomada em reunião geral, após o trabalho dos campos.

É curioso assinalar que, mau grado sua oposição ao comunismo como teoria política, os membros das Kvtzot são as únicas pessoas do mundo que tentaram realmente pôr em prática a famosa frase de Lênin: "Cada cozinha deveria poder dirigir o Estado". O próprio Lênin, penso, não tinha essa notável idéia por princípio de possível aplicação imediata. Para ele não passaria de sonho em longínquo porvir.

Em todo caso, durante sua viagem à Palestina em 1933, já não achou o autor desta obra nenhuma Kvtzta praticando esses princípios extremos democráticos. Quase todas as juntas diretivas são agora eleitas por um ano e as reuniões, em geral, se fazem com intervalos regulares. Demais, a junta diretiva escolhe um coordena-

O ANARQUISMO NA PRÁTICA

FAZENDAS COLETIVAS NA PALESTINA

Por ABRAHAM REVÚSKI

Continuação

nador que é o sinônimo democrático do nome pouco popular de diretor. Cumpre, aliás, reconhecer que esses coordenadores trabalham em perfeita união com as juntas diretivas e seu poder executivo é limitadíssimo.

A despeito da igualdade geral, há, em cada Kvtzta, alguns membros mais velhos, os fundadores da comunidade coletiva, que gozam de certa autoridade moral e têm decisiva influência nos negócios comunais.

A reeleição dos membros da junta diretiva e dos coordenadores é igualmente menos rara que outrora. Certos coordenadores funcionam durante três ou quatro anos seguidos e dão prova, em suas funções, de grandes capacidades de direção e iniciativa.

O MATERIAL HUMANO

As Kvtzot são mais que organizações econômicas; representam um tipo distinto de vida comunista no melhor sentido do termo.

Seus membros, não só trabalham juntos, como vivem juntos e compartilham das alegrias e preocupações da vida cotidiana. Constituem, realmente, uma grande família em que os laços de sangue são substituídos por laços criados em longa amizade posta a prova e comum esforço.

O êxito das Kvtzot na Palestina, a despeito da falência de experiências comunistas em outros países, deve-se à excelência do material humano. A experiência mostrou que o vingar uma Kvtzta depende do grau de adaptação dos membros à vida coletiva; supõe um grupo limitado e escolhido de pessoas imbuídas do ideal que os deve animar e não será demais insistir na importância dessa condição.

Em fins de 1934, havia na Palestina 26 Kvtzot com cerca de 2.500 membros adultos e população total de 3.750 pessoas. A maioria dos não membros são crianças e uns cem, parentes idosos, trazidos da Europa por certos membros. São mantidos pela comunidade.

A média dos membros, por Kvtzta, é de 95. Há várias que são grandes colônias com mais de 150 membros cada qual; mas, algumas não excedem 50 membros e até menos.

Durante 1934, as Kvtzot cultivaram uma superfície de 95.000 dunams, dos quais cerca de 10.000 de terreno irrigado.

Início das fazendas coletivas. A SIEDLUNGSGENOSSENSCHAFT de Oppenheimer.

A mais antiga Kvtzta da Palestina, a Daganía, estabelecida em 1910, no vale do Jordão, foi criada por iniciativa de um grupo de trabalhadores que alugaram um lote de terreno ao Jewish National Fund e se organizaram com base coletiva.

Apesar do clima quentíssimo dessa região e freqüentes epidemias de malária, os pioneiros de Daganía persistiram em seus esforços. Tão bem se saíram que sua colônia se tornou modelo das outras.

Porém, já antes da fundação da colônia Daganía, o novo congresso sionista (dezembro de 1909), maguado com a sorte dos trabalhadores judeus nas colônias privadas existentes, decidiu experimentar a colonização cooperativa segundo os dados de eco-

nomista alemão Franz Oppenheimer. Mas, como sucintamente indicamos na parte histórica desta obra (cap. II, Antes da declaração Balfour), a experiência de Oppenheimer, aplicada numa ampla fazenda do vale do Esdrelon, longe ficou de ser êxito. Certos discípulos de Oppenheimer pretendem que só a falta de perseverança na aplicação do sistema do mestre foi causa do malogro e que, se houvessem prosseguido por mais alguns anos, essa experiência abandonada durante a grande guerra acabaria por superar as dificuldades iniciais e teria vingado. Parece, entretanto, dever-se o decaimento, ao menos em parte, ao fato de supor o sistema de Oppenheimer uma direção autoritária. Essa concepção, provável consequência da educação prussiana do seu autor, não podia convir ao caráter muito independente dos cooperadores judeus, sobretudo na Palestina.

Assim, as empresas agrícolas, fundadas depois na Palestina, guiaram-se, não segundo as idéias disciplinares de Oppenheimer, senão segundo a feliz experiência de Daganía que apelava, largamente, para o julgamento independente dos colonos.

Em geral, as Kvtzta vingaram bem. É certo que, no início, foram todas mais ou menos ajudadas, e até muito tempo adiante, por subsídios da Jewish Agency. Todavia, cumpre reconhecer que, na maioria dos casos, as Kvtzot não receberam, ao fundarem-se, a subvenção que haveria miste para permitir-lhes assentarem sobre bases sólidas. É assim que várias

Kvtzot não tinham, no começo, dinheiro bastante para cavar um poço e tiveram, durante anos, de cultivar uma fazenda não irrigada. Algumas nem dispunham da água necessária à alimentação e tinham de buscá-la em barris nas aldeias vizinhas. Mostraram-me numa Kvtzta algarismos comprovantes de que se teriam podido cavar, com o dinheiro despendido nos seis primeiros anos numa carroça de burros e um arriero cujo único serviço era buscar água potável num vilarejo árabe, dois grandes poços suficientes à colônia não só para dispor de água para fins domésticos, senão também para irrigar uma importante horta. Só seis anos depois, o departamento colonizador da Jewish Agency, promotora dessa Kvtzta, lhe abonou a quantia precisa para abrir um poço e instalar um motor; mas, ainda hoje, essa Kvtzta não possui bastante água para irrigações e os resultados dependem, por conseguinte, do clima e das chuvas.

Demais, a experiência das Kvtzot, assim como a das colônias particulares, demonstrou que gente habituada a um teor de vida um pouco acima da média, não pode esperar ter vida confortável dando-se à agricultura na Palestina, a menos de poder aplicar desde o início consideráveis quantias em trabalhos preparatórios: melhora do solo e irrigação, quando nada, parcial. Toda vez que esse quantum inicial esteja abaixo do mínimo necessário, o que se supunha haver sido poupado resultou em déficit de muito mais considerável importância.

Seja como for, as Kvtzot, agora, se bastam geralmente e a maioria delas conseguiu lucros em 1934. Os trabalhos agrícolas se efetuam segundo métodos os mais modernos e o rendimento obtido é excelente. É às Kvtzot que se deve a maioria dos melhoramentos em vários ramos da agricultura palestina. Realizaram notável trabalho no concernente à criação de aves, laticínios e cultivo de legumes.

A LEGISLAÇÃO E A "JUSTIÇA DO TRABALHO"

Por JOSÉ L. VERAS

V — Salário mínimo e sobrevalia

Diz o burguês pelo seu porta-voz, o Estado, na Consolidação do Trabalho:

"Artigo 76. Salário mínimo é a contraprestação mínima devida e paga diretamente pelo empregador a todo trabalhador, inclusive ao trabalhador rural sem distinção de sexo, por dia normal de serviço, e capaz de satisfazer em determinada época e região do país, as suas necessidades normais de alimentação, habitação, vestuário, higiene e transporte."

O cinismo desse artigo é gritante. O salário devido ao empregado, seria aquele a que ele faz jus pela sua produção; se o empregado, durante o dia, produziu Cr\$ 300,00, o salário justo, ou seja, devido, seria a totalidade dessa importância. O salário mínimo é falso pela razão bem simples: é impossível haver salário justo (devido) pago pelo empregador, porque, sendo o trabalhador uma mercadoria e sendo seu preço — o salário, não pode estar o mesmo sujeito a determinados padrões pré-estabelecidos. O burguês quis, com o tal salário mínimo, desmentir a Lei Natural que determina o trabalho como mercadoria e, outrossim, justificar o roubo que ele faz da sobrevalia dos seus empregados.

A mercadoria-trabalho é vendida pelo empregado ao empregador, estando o seu preço — o salário —, sujeito às naturais oscilações do mercado, isto é, conforme a procura e oferta; a quantidade prodicional do trabalhador e a sua necessidade de manutenção.

Entre as outras mercadorias e a mercadoria-trabalho, existe uma grande diferença. Esta diferença está no valor de uso, isto é, nas qualidades e corpo destinados a satisfazer as necessidades humanas. O valor de uso da mercadoria trabalho é diferente pelo seguinte: o gasto para a produção de uma mercadoria está determinado pelo seu valor expresso em um preço que se transfere integralmente, com o uso, para outra mercadoria, ao passo que a mercadoria trabalho, depois de transferida para o capitalista, continua a produzir, ou melhor, a criar novos valores.

Vamos dar um exemplo: o trabalhador, para viver, necessita de uma quantidade de mercadoria que é comprada com o seu salário. Vamos dizer que ele gaste com esta mercadoria Cr\$ 50,00, que é o seu salário. Acontece que, durante o dia, o trabalhador, que transferiu para outras mercadorias o seu salário, produziu, também, três ou quatro vezes a totalidade do que ele recebeu. As outras mercadorias, ao ser transferido o seu valor para outras, e é na totalidade, ao passo que o trabalhador transfere sua força e mais alguma coisa.

Esse excesso de valor chama-se sobrevalia. O trabalhador, durante algumas horas por dia, produz o que ele recebe como salário e o resto do dia produz de graça para o capitalista o que nós chamamos sobrevalia e que acumulada, produz o capital. Para que os capitalistas roubassem melhor esta sobrevalia, sem que os trabalhadores gritassem, como existem alguns capitalistas que usam para pagar mal aos trabalhadores a ponto de correr o risco de uma grande parte de obreiros desaparecer, o Estado, como cabeça pensante dos capitalistas, estipula o salário mínimo que garante a manutenção dos seus explorados, para que eles, capitalistas, possam viver. Do contrário desapareceriam o regime capitalista.

O salário mínimo que se jata de salário devido (justo) não passa, como vimos, de um meio utilizado pelos capitalistas para justificar o roubo que eles fazem da sobrevalia no salário, são sustentados todos os parasitas: exército, polícia, alfândega, deputados, senadores, governo, serviço burocrático das repartições públicas etc. Sendo esses parasitas o sustentáculo da classe exploradora. Em qualquer regime capitalista, seja ele capitalista de estado como na Rússia e nas Democracias ditas Populares, particular, como nos países burgueses, o problema do salário é insolúvel, porque o trabalhador é sempre roubado na sobrevalia do seu salário, em proveito de uma classe parasitária que ele carrega nas costas, como o boi carrega o carrapato. Não existe salário justo, e jamais existiria sob qualquer forma de governo, porque o próprio governo é sinônimo de parasita em linguagem social. Só será solucionado o problema do salário com a extinção do próprio salário. Mas isto só será realizado com o anarquismo. Enquanto existir assalariado e assalariador, existirá escravo e senhor. Os escravos na antiguidade, vendiam seu trabalho ao senhor de uma só vez, ficando sujeito ao senhor para o resto da vida, com toda a prole. Hoje, o trabalhador moderno recebe a paga do seu trabalho parceladamente em forma de salário estando livre do seu senhor nas suas horas de folga. Mas a escravidão perdura, embora em forma diferente. Porque o salário nada mais é do que o preço da escravidão.

A seguir: Previdência Social.

INGENUIDADE MINISTERIAL

Nossos leitores são testemunhas de quanto vamos dizendo relativamente à situação de colapso de todos os sindicatos estatais. É teoria nossa, dos anarquistas, teoria velha, confirmada em toda parte, a de que, seja onde for, em que regime for, os sindicatos do governo se burocratizam, estiolam, deperem, morrem. Tudo consequência de caírem nas mãos de diretoria espertas, parasitárias, que se valem da indiferença dos trabalhadores num sindicato onde tudo é regulado pelo ministério, onde não podem discutir por si mesmos os seus problemas, nem educar-se na vida sindical.

Essa doutrina gritamo-la nós, os anarquistas, a todos os trabalhadores do Brasil desde o tempo do ministro Lindolpho Collor, advertindo-os do perigo representado pela carteira sindical. Sindicato regido pelo ministério e pela polícia passa a feudo de diretoria apontada por esse ministério e essa polícia e, fatalmente, degenera. Agora, o atual ministro do trabalho vem dizer, espantado, o que sempre temos dito.

Assim, vamos transcrever do Diário de Notícias de 23 e 27 de fevereiro sua reportagem sobre a opinião do ministro. Leiam os trabalhadores e meditem.

O grifo é nosso.

O Ministro do Trabalho, em último despacho com o presidente da República, além de assuntos administrativos, examinou duas questões de importância, para os meios trabalhistas: a exigência do atestado de ideologia em eleições sindicais e a reforma do atual sistema de aplicação do imposto sindical.

Contrário à exigência desse atestado, sugeriu o chefe da nação fosse o mesmo abolido.

Com referência ao Imposto sindical, cuja aplicação foi sistematizada nos últimos meses do governo passado, o sr. Danton Coelho acha que o produto dessa contribuição deve ser empregado em benefício imediato dos contribuintes, e exclusivamente em suas obras e realizações, bem como no incremento da sindicalização e fortalecimento das entidades trabalhistas.

Quanto ao atestado de ideologia, os candidatos a cargos eletivos sindicais, segundo medidas a serem baixadas, não mais terão de submeter-se ao requerimento à polícia, de antecedentes políticos.

Ainda sobre eleição sindical, o sr. Danton Coelho fez a seguinte declaração:

"Os sindicatos estão entregues a meia dúzia de bonzos, não produzindo nada de útil para a classe ou para o governo. Vamos injetar-lhes sangue novo, por meio de eleições".

Segundo foi revelado, ontem, o ministro do Trabalho encaminhou ao presidente da República, relatório sobre a situação das entidades sindicais.

A exposição, aprovada pelo sr. Getúlio Vargas, abrange cinco itens.

A primeira parte caracteriza a debilidade dos sindicatos, que, em geral, não representam mais de um terço das respectivas profissões.

As assembleias sindicais, conforme acentua o ministro, não despertam interesse, a não ser quando os debates são em torno de aumento de salários.

O segundo item, expõe a situação dos órgãos de cúpula: Federações e Confederações, que há anos não realizam eleições, e estão entregues a "burocratas" sem expressão, viciados numa vida de nababos à custa do imposto sindical". Segundo denuncia, há casos de alçada até da polícia.

E ainda observa: as sedes são, muitas vezes, luxuosamente montadas, algumas com características de verdadeiras repartições públicas.

No terceiro item, o ministro considera malogradas as eleições promovidas pelo governo anterior nos órgãos de base, de vez que tais pleitos apenas deram margem a uma troca de cargos entre antigos diretores, muitos dos quais se mantêm em posições de domínio há seis anos ou mais, como donos dos sindicatos. Raras foram as mudanças.

No quarto ponto, o sr. Danton Coelho cita o exemplo da política pessoal do presidente da Federação Nacional dos Marítimos, que a transformou numa espécie de feudo. Essa Federação é constituída de sindicatos estaduais, que aqui se fazem representar por pessoas residentes no Rio, que são da escolha e confiança do presidente da entidade, e deste modo "só agem e votam de acordo com a orientação dele". Quatro dos mais importantes sindicatos da classe, representando os ofícios de náutica, os radiotelegrafistas, os comissários e os enfermeiros, estão excluídos dessa esdrúxula Federação, símbolo da decomposição sindical no Brasil.

A quinta e última alínea condena o critério de desigualdade, em virtude do qual os servidores das autarquias da União, como portuários, ferroviários e outros, foram aliçados da sindicalização, em contraste com a situação dos servidores do Loide Brasileiro e Companhia de Navegação Costeira.

Apesar dessas revelações terem sido feitas ao público, ontem à tarde, os repórteres acreditados junto ao gabinete do ministro do Trabalho não conseguiram falar-lhe, uma vez que o mesmo, depois do almoço, deixou o Ministério para atender a numerosos compromissos, entre os quais, a transmissão do cargo de presidente do IAPETC, uma manifestação dos ferroviários da Central do Brasil à sua pessoa, e diversas visitas.

A esse propósito publicou a redação do mesmo Diário um editorial (24-2-51) intitulado Os bonzos dos sindicatos e o inicia com estas palavras: "Está mesmo o ministro do Trabalho disposto a investir contra os aventureiros que tomaram conta da vida sindical, enriquecendo à custa da perseguição e da delação de trabalhadores?" E louva a disposição do ministro denunciando que os trabalhadores ou líderes açambarcadores dos sindicatos, saídos da pobreza, têm automóveis, residências

pagas pelos sindicatos e dinheiro muito. Demais, são líderes, manobram, mandam, fazem sua propaganda nos jornais, arranjaram manifestações ao governo etc. etc."

E acaba assim: "Mas se o ministro do Trabalho pretende apenas, com a investida contra os bonzos atuais, a substituição por outros, mais novos e menos marcados, será pouco todo o desprezo dos trabalhadores ao governo que se terá erigido em bonzo, também, para mistificá-los e ludibriá-los no seu direito à liberdade de associação".

Pasma ouvir isso de alguém na direção desse diário metropolitano. Esse redator, se estivesse à altura do assunto, como deverei, saberia que não pode haver liberdade de associação num regime imposto pelas leis trabalhistas do Estado Novo, fascistas, do sr. Vargas. Essas leis continuam vigorando. Segundo elas, a diretoria dos bonzos deve comunicar ao ministério e à polícia o programa de cada assembleia, não podendo ninguém tratar de outro assunto. Se algum trabalhador se levantar para discordar da vontade do ministério é logo obrigado a calar-se ou tem de sair da sala ou é preso e, este sim, marcado pelas autoridades. Deveria o redator saber que as diretorias eleitas têm de ser primeiro aprovadas pelo ministério antes de se considerarem investidas e que, se os diretores não são do gostinho do bonzo-mor, o ministério, a eleição é vetada e outro deve ser o escolhido.

Deveria saber o redator que o dinheiro dos sindicatos não é posse dos trabalhadores; tem de ser entregue ao ministério por intermédio dos bonzos. Os trabalhadores pagam, mas não sabem o destino do dinheiro porque nem sequer aparecem num sindicato onde nada podem fazer senão dizer amém às palavras dos bonzos, repetição das ordens ministeriais.

Deveria saber que não pode haver sindicato livre com leis fascistas que impedem a livre expressão dos trabalhadores. E o sr. ministro deveria também saber disso. Caso não saiba, não tem credenciais para o cargo. Se sabe, ou não é sincero e tudo ficará na mesma, não passando suas palavras de grande fita demagógica, ou é sincero e deve insistir em mandar às favas as leis do seu amo e dar inteira liberdade e governo próprio aos sindicatos.

Como não fará isso, apostamos! tudo ficará como dantes.

Os sindicatos só serão livres quando rasgarem as carteiras sindicais, expulsarem dos seus recintos o ministério e a polícia e retomarem a gerência dos seus bens e dos seus interesses lutando por si só contra patrões, políticos, ministérios, polícias, em suma, contra o regime capitalista em peso.

Assim era antes da catástrofe do fascismo iniciado por Getúlio e seu ministro Collor, ajudados ambos pela traição dos comunistas.

Voltaremos ao caso.

OS AGENTES DO IMPERIALISMO RUSSO

(Especial de Paris para AÇÃO DIRETA)

Por A. MIRANDE

Convém explicar o título do meu último artigo Capitalismo e Stalinismo preparam a guerra pois levaria os não iniciados e ignorantes das questões sociais a suporem que stalinismo é anticapitalismo. Como se fosse admissível um governo anticapitalista.

Não! O capitalismo internacional é uma instituição solidamente organizada com suas seções econômicas, políticas e antisociais.

O papel de cada uma permite-lhe manter as massas na ignorância e na escravidão, para saciar sua sede de domínio e exploração.

Todos os trustes, cartéis e pools, conjungidos e financiados por banqueiros mundiais estão, sob o aspecto econômico, intimamente ligados por sobre as fronteiras, mau grado certas divergências devidas à concorrência comercial. O fim, porém, é o mesmo: gerir a economia mundial em benefício de uma só minoria, não de uma classe, mas de uma casta.

As religiões, os padres de todas as igrejas, não obstante a aparência de dissídios espirituais, não visam menos ao mesmo fim em França, América, Inglaterra ou Rússia, em todos os países do mundo. Pregam a resignação ante todas as injustiças, prostram-se ante os amos vermelhos ou brancos, aproveitam-lhes a situação de privilegiados do regime e vivem fartamente neste inferno terrenal para os trabalhadores, prometendo-lhes um paraíso, insinuando-lhes melhor porvir no além.

Mentira, dubiedade, engodo, e Internacional do ópio assola em todos os países autoritários e capitalistas. São eles os bombeiros da revolução social e poder-se-ia dizer, sem forçar, serem os maiores responsáveis das nossas desditas.

Os políticos de qualquer cor não têm menos culpa. Pedem aos esfomeados que se não insurjam ante o amontão das riquezas; acalmam, com seus espíches, a ansia de liberdade dos povos escravos; insuflam paciência nos amiserados. Ah! devemos reconhecer; nem todos prometem o paraíso do além, mas dizem: "Esperaí quatro, seis anos, até as próximas eleições" e o tempo vai passando. O político vai à caixa, quando amiúde o operário vai para o xadrez por haver tomado e não furtado um pão para alimentar os filhos, inocentes vítimas de um regime desumano.

E' o regime capitalista em sua hediondez, com seus títeres, mercenários, lacaios e gângsters.

E' contra essa sociedade desigual, desumana que surge o perigo, primeiro de revolta, de revolução, depois. E essa maldita sociedade organiza a defesa contra a insurreição latente, mas sempre acesa, se não nos atos, pelo menos nos espíritos. Justo é o desejo de liberdade e conforto nos trabalhadores e é para evitar isso que a estratégia capitalista e militar deglute, com lódas as riquezas, fruto do trabalho humano, o próprio homem.

Pois bem, que diferença existe entre o regime capitalista francês e o regime capitalista russo? Mantenhamo-nos na lógica e

discutamos com a eloquência dos algarismos. Em França há onze milhões de assalariados, nem todos úteis. Na Rússia, há vinte milhões. E' o montante oficial dado pela C. G. T. russa no congresso constitutivo da Federação Sindical Mundial, realizado em Londres, em 1946. Se atentarmos no grau de evolução dos trabalhadores russos e nos métodos empregados na França pela C. G. T. stalinista, impedindo de trabalhar quem não possua a caderneta da C. G. T. concluímos que, fora dos vinte milhões de sindicados, não há outros produtores.

Em França, pois, temos onze milhões trabalhando, suando, carpindo e morrendo para manter quarenta e dois milhões. Quando muito um quarto assalariados, trabalhadores. E os outros que fazem? descontando velhos, mulheres, crianças e enfermos? E' simples. Vivem do trabalho alheio, com mentiras, fraudes e violências.

Na Rússia, vinte milhões de assalariados labutam, suam, penam e morrem para sustentar cento e noventa milhões. Quando muito, 0,9 por cento. Pior que na França capitalista.

Em França, trabalha um indivíduo entre quatro e três não trabalham, não produzem. Na Rússia país do stalinismo, de nove indivíduos, um trabalha e oito não trabalham, nada produzem, porém consomem mais que os outros porque tem mais meios. A hierarquia dos salários permite ao regime pagar mais a um agente da G. P. U., muito mais, que a um mineiro. Sob o prisma econômico, usa-se ainda o sistema dos tzares e, fora alguns sabujos que souberam rojar-se e dobra-se às exigências dos Grandes, o Kulak substituiu o mugique, isto é, a besta de carga, entredida no estábulo para exploração de suas forças corpóreas.

Quanto ao lado político, admitir de antemão a ditadura como regra do regime implica, em rigor, eficiente política com todas as vantagens de uma grande burocracia, magistratura e guardas das Centrais e campos de concentração.

Autoridade ditatorial, isto é, indiscutível, o pior de todos os regimes autoritários como foi o hitlerismo, o mussolinismo, como hoje o franquismo, o peronismo. Liberdade individual, direito de reunião, de associação, de imprensa, de discussão, nada existe. Uma só organização a do partido governista. Uma só imprensa, a do partido governista; obediência absoluta, cega, indiscutível ao senhor do dia, ainda quando erre.

Para fazer aprovar isso de bom grado ou à força, alega-se o perigo exterior; exemplo: a França arma-se, desbarata bilhões, sustenta uma legião de parasitas para obstar ao ataque do inimigo hereditário, a Alemanha e isso faz séculos. A Alemanha, pela mesma razão, a Inglaterra, a América, etc....

Não acuso mais a Rússia de querer e preparar a guerra do que os outros países capitalistas; mas, acuso-a de assumir as mesmas responsabilidades para servir aos mesmos fins. Porque, como todos os países do mundo ela tem sua minoria de escravos, de assalariados que ela sacrifica nos campos de batalha e sua maioria de parasitas da finança, da política, da religião, da polícia e do seu grande e poderoso exército.

Onde o socialismo em tudo isso? doutrina cuja expressão fiel é a solidariedade e mútuo auxílio, na fortuna como no infortúnio? Onde, em fatos, a parcela do pensamento de P. Lafargue, de um Benoît Malon, de um Blanqui, de um Sorel etc. no regime russo? Ao contrário achamos-lhe paridade nos fatos dos regimes inquisitoriais de Inácio de Loyola, de Machiavel, de Afonso XIII, de Mussolini, de Hitler. E é por isso que, havendo varrido o socialismo, desnaturado sua doutrina, enganado os trabalhadores do mundo abusando de sua ingenuidade; os agentes do imperialismo russo lhes agravaram o caso. Não somente assumem a mesma responsabilidade na guerra próxima, já que seu regime é parte integrante do capitalismo internacional em luta pela concorrência, como também a responsabilidade de exploração e extorsão moral, desnaturando, por fatos, a beleza de um ideal pelo qual tantos homens deram o mais precioso do seu ser inclusive a vida.

O capitalismo tem todas as astúcias e adúcias. Liberdade, Igualdade, Fraternidade inscritas nas fachadas de todas as centrais.

Na Espanha, em Barcelona, na fortaleza de Montjuic, cujas vítimas se contam aos milhares, há, que ironia! a Praça da Liberdade. Na Rússia país dos mais sanguinários, onde os campos de concentração superam em horror os da Alemanha, de triste memória, é seu regime chamado pelo capitalismo e seus políticos: comunismo.

Para trás vilões, impostores! O comunismo, o verdadeiro, o comunismo libertário é demasiado belo e ultrapassa em altura vossos instintos. Mau grado todas as vossas manobras, hipocrisias, assassínios, o regime de dominação se desmorona e não serão vossas guerras a longo ou breve prazo o que lhe irá sustar a queda. Os anícias devem ceder lugar aos jovens; isso é da humana condição. Podeis retardar, com as guerras, a agonia e a morte do regime. Há um fato certo, mais forte que a vontade de certos homens. O velho mundo há de ruir e desaparecer para abrir campo a um mundo novo.

Mas, não contemos, para ativar-lhe a consecução, com os adversários da emancipação humana. O stalinismo ou qualquer regime de concorrência não vos facilitará essa tarefa. Cabe-nos ver claro e desconfiar dos impostores.

A emancipação dos trabalhadores há de ser obra só dos trabalhadores

"Uma causa não triunfa só por sua Bondade e por sua Justiça; Triunfa principalmente pelo esforço de seus adeptos." - Praxedis G. Guerrero

NOSSA UTOPIA

Por DANIEL

"O progresso é a realização das Utopias" — Oscar Wilde

"Não é realizável!"
"É muito bonito mas não é para este mundo!"

"É uma Utopia!"
E a exclamação sai tão firme e resoluta da boca do contraditor, que quase faz desvanecer em nós qualquer intento de argumentação.

E, entretanto, se não se aferrasse às noções preconcebidas e cuidasse de ver na palavra Utopia, não a fantasia irrealizável, mas o ideal realizável, ou se não fosse tão pessimista, at teríamos mais um ao nosso lado, na contracorrente que se propõe lançar os fundamentos de uma sociedade baseada na Justiça, na Verdade e na Beleza, em oposição à chamada "Civilização Cristã, onde é considerada "justa" a coexistência de ricos e pobres; onde a mentira se envolve, com o rótulo, a oficialidade e onde vicia a mediocridade artística; em oposição também ao chamado "Paradiso Bolchevista", onde, encarpada no poder, como classe privilegiada em substituição à burguesia, se encontra a Comissariocracia, onde o fim justifica os meios e a mentira é o melhor dos meios; onde a uniformidade da vida social sujoca, sob a forma de dogmas oficiais, a originalidade, condição indispensável na criação da Beleza.

"A coisa não se endireita. O mundo foi, tem sido e continuará assim", dizem, em uníssono, os sancho-panças, os ascéticos e os pessimistas. E dizem-nos sem ao menos folhear a História Universal, o inventário da experiência humana, e aprender que, pela ação conjunta da lei da evolução e da vontade humana, a humanidade tem passado, não por uma, duas revoluções, mas por centenas, revoluções essas não de caráter puramente externo, mas que vieram a transtornar profundamente as relações entre os seres humanos e influenciaram o próprio modo de ver e sentir da humanidade.

"O mundo não pode melhorar porque o homem é intrinsecamente mau e nada poderá coibir a expansão de sua maldade senão a imposição, pela força ou pela persuasão, de regras de conduta que lhe sirvam de freio moral". É este o "argumento" central dos chamados "realistas", dos juristas e outros. Sem jamais pensarem em tal coisa qual a psicologia, na complexidade extraordinária da personalidade humana e nas causas externas que excitam as chamadas "más ações"; sem jamais tomarem conhecimento de qual coisa seja o instinto de sociabilidade, condenam o homem antes de compreendê-lo.

E o centismo aparecerá em muitas outras exclamações idênticas, dividin-

do nossos contraditores em vários grupos: o dos que, ignorando o sentido de nosso ideal, lhe atribuem o estípite do dicionário burguês: desordem, caos; o dos privilegiados, que nos olham com ódio e desprezo; o dos mediocres, cujo espírito conservador e rotineiro é avesso a qualquer ideal; o dos tradicionalistas, zelosos de seus ídolos de barro modelados (para usar a feliz expressão de Krishnamurti) "pela mão mirrada do tempo"; o dos fascistas e bolchevistas, que, se estão de cima vêem no semelhante um títere sem vontade para as suas mãos, ou se estão de baixo se anulam, completa e servilmente, ante os mandos e desmandos do líder e... — quem mais citarei? — o dos absolutistas de toda ordem, que podem, aliás, enquadrar-se em qualquer das classificações anteriores, pois absolutista, como bem faz sentir Proudhon na sua Philosophie du Progrès, não é somente aquele que exerce ou pretende exercer o poder absoluto: mas todo aquele que é partidário de um estado de coisas imperfeível (católicos, protestantes, democratas, corporativistas etc.); um estado de coisas que, pelo simples fato de atingir o "ideal", não admite nenhum progresso possível, em suma os que aspiram a uma finalidade. O anarquista, por outro lado, não deseja chegar a um estado de coisas, mas justamente entram num processo permanente de adaptação e readaptação do homem à instabilidade natural e inevitável do meio geográfico e social, uma vez postos por terra os obstáculos que barram a estrada do progresso. Numa sociedade anárquica não vemos o absoluto mas o perfeito; e o anarquismo não é, propriamente, uma finalidade, é um meio de elaboração constante de novas formas, cada vez mais ricas e fecundas, de vida social, meio esse manifestado numa organização de caráter dinâmico, mutável e de constante vir-a-ser, em contração do estático, imutável e cristalizável de todas as outras doutrinas, que, tendo em mira uma finalidade, são absolutistas na mais pura essência. Por isso mesmo, o anarquista é anti-dogmático e adversário do estabelecido, é inquieto e anti-rotineiro e é acima de tudo humanista, pois, nele, o amor à humanidade suplanta a repulsa às instituições.

O anarquismo é realizável e realizá-lo é romper a cristalização formada em torno da sociedade pelas instituições e deixar à sociedade, e não à autoridade, a gerência dos próprios problemas pois "a sociedade é um movimento eterno; não precisa que se lhe dê corda" (Proudhon). Mas para a sua realização há que haver vontade e não desânimo; fé e não dúvida.



Voltairine de Cleyre

Voltairine de Cleyre nasceu aos 17 de novembro de 1869 em Michigan, Estado da União norte-americana, na cidade Leslie; porém, foi educada num convento católico do Canadá. Seu pai era um nobre francês livre pensador. Os preconceitos religiosos não a empolgaram e começou sua vida de militante pela propaganda do livre pensamento, como para confirmar o nome que o pai lhe dera.

Antes de completar vinte anos já tomava parte saliente e brilhante em sucessivos congressos de pensadores, onde era compreendida a promessa representada pelo talento daquela rapariga de franças caídas pelas costas. E a promessa foi mantida: oradora, poetisa e pensadora de alto valor, conquistou em breve um lugar dos mais eminentes, lugar que só não foi culminante e ruidoso pela altivez e independência do seu caráter e pela conformidade dos seus atos com as suas idéias.

Fêz-se anarquista em 1886, por ocasião do movimento pelas oito horas de trabalho e da tragédia de Chicago. Sentiu profundamente a idéia e dedicou-se à propaganda sem nenhuma espécie de reserva.

Podia conquistar uma ruidosa celebridade, ser aclamada e incensada, vender caro sua pena a empresas ricas, mas preferiu conservar a integridade do mais precioso de seu ser, a sua independência moral e intelectual, muitas vezes à custa da miséria extrema, quando não ganhava escassamente o seu pão com mal retribuídas lições de inglês, francês e música.

Durante vinte e cinco anos, falando ou escrevendo, advogou a causa dos esmagados e com uma coragem igual ao seu grande engenho combateu pela luz e pela liberdade.

Dada sua má saúde, sua voz não foi tão freqüentemente ouvida nos últimos anos e sua melhor obra foi feita com a pena. Seus versos, ensaios e estudos inspiraram milhares de indivíduos no combate pela liberdade, em grau difícil de medir.

Foi atingida no pescoço por uma bala de revólver disparada por um jovem desequilibrado, ao que parece exasperado por um amor não correspondido e contrário às idéias de liberdade por ela defendidas. Embora gravemente ferida recusou identificar o seu agressor e depois trabalhou para que fosse posto em liberdade. Desde então, sofreu sempre da garganta. Depois de uma operação na parte doente morreu, aos 20 de junho de 1912, na cidade de Chicago, aquela que fora a figura mais conhecida do anarquismo militante nos Estados Unidos e de quem o camarada Brown diz ter sido "a mulher mais notável que a América jamais produziu".

feitos mais graves da educação escolar? Não são necessárias vocações e condições para educar as crianças sem coagi-las e ajudá-las a superar seus defeitos?

O trabalho educativo exige abnegação, interesse, conhecimentos e amor, no educador, à sua missão e isto não se pode conseguir por decreto.

Em qualquer setor da cultura em que o Estado se intromete, mata o germen vivo, fossiliza em formas vazias o que foi fruto de um espírito inquieto e criador. Na história da pedagogia, especialmente pode comprovar-se; todas as orientações pedagógicas que significam um passo para frente ou marcaram um caminho, foram realizadas à margem do Estado: Pestalozzi, Tolstói, Tagore, Montessori, etc.

As idéias pedagógicas modernas que são fruto do trabalho paciente de meritórios investigadores como Adler, são excelentes, porém sua aplicação integral requer uma transformação prévia da ordem social.

Enquanto isso não sucede, apoiaremos todo intento renovador e a obra de investigadores e homens de ciência que, como Adler, significam um progresso para a pedagogia e a solução de um dos mais importantes problemas da humanidade.

Ciência e Anarquismo

Por P. KROPOTKIN

O Anarquismo, fundamentalmente, é uma concepção do universo baseada na interpretação cinética dos fenômenos da Natureza, compreendendo nesta igualmente os fatos da vida social e seus múltiplos problemas de ordem econômica, política e moral. Seu método de análise e de investigação é o das ciências naturais, quaisquer que sejam as conclusões a que, em um estudo se chegue. A pretensão de científicas, terão de ser verificadas pela adoção desse método, sem o qual não há verdadeira ciência.

Sua tendência é fundar uma filosofia sintética que abraja todos os fatos naturais, incluindo os que se relacionam com a vida das sociedades humanas.

E' indubitável que uma concepção cinética integral do universo, abrangendo a natureza física e as sociedades humanas, na parte sociológica dedicada ao estudo da vida e evolução das sociedades, está apenas esboçada.

O Anarquismo, por sua própria natureza, não se deixa colhêr nas malhas artificiais das metafísicas de Hegel, de Schelling ou de Kant e menos ainda se deixa levar pela dialética dos comentaristas do direito romano e do direito canônico, dos sábios professores do direito do Estado, da economia política dos metafísicos.

O que, principalmente, o Anarquismo procura é expor e compreender, à luz meridiana dos fatos positivos, todas as questões suscitadas naqueles domínios do saber, baseando-se, para isso, nos imensos trabalhos e estudos, de caráter profundamente naturalista, levados a cabo por uma plêiade de pensadores eminentes durante os últimos decênios do século findo. Toda a imensa série de aquisições do século as devemos ao uso do método indutivo-dedutivo, único científico conhecido. Ora, o homem, sendo parte integrante da Natureza, como sua vida pessoal e social, é igualmente um fenômeno natural do mesmo modo que o crescimento de uma flor ou a evolução da vida em coletividades como as das formigas e as das abelhas. Não vemos razão bastante para que, passando da flor ao homem, de uma comunidade de castores às populosas cidades humanas, tenhamos de abandonar um método que tão es-

plêndidos resultados até agora deu e busquemos outro no arsenal da estultia metafísica.

A eficácia do método indutivo-dedutivo que empregamos nas ciências naturais está exuberantemente provada pelo impulso que, no século XIX, deu às ciências, de tal maneira que, em cem anos, se fez mais do que, antes de seu emprego, se fizera em dois mil.

A investigação científica só é frutífera com a condição de ter um objeto definido, de ser empreendida com o propósito de achar uma resposta, clara e terminante, a uma questão dada. Com quanta maior clareza se estabelecerem as relações entre o problema proposto e as linhas fundamentais da nossa concepção geral do Universo, tanto melhor se evidenciarão os resultados da investigação científica. E quanto mais esta se acomodará à concepção geral, tanto mais facilmente se encontrará a solução buscada.

Podemos exprimir nos seguintes termos o problema que o Anarquismo se propõe resolver: "que formas sociais garantem melhor, em tais ou quais sociedades, e, por extensão, na humanidade, a maior soma de felicidade e, portanto, de maior bem estar, de maior vitalidade?; quais formas de sociedade melhor adaptadas permitem conseguir-se essa soma de felicidade e como aumentar e desenvolver esta, quantitativa e qualitativamente, de modo que forneça meios de tornar essa felicidade mais duradoura, completa e variada? o que, diga-se de passagem, equivale a achar a fórmula do progresso.

O desejo de impulsionar a evolução nesse sentido é o que determina o caráter de toda a atividade social, científica e artística do anarquista. E essa atividade, por seu turno, precisamente por causa da sua evidente coincidência com o desenvolvimento social naquela direção, se converte em um manancial de crescente vitalidade, de vigor, de sentimento, de ações e de unidade com a espécie humana e as melhores forças vitais destas. Consequentemente, essa atividade, tornando-se a fonte de uma inesgotável vitalidade, trará uma soma maior de felicidade individual.

A Pedagogia e a Ordem Social

Por IVAN

A pedagogia, ao cingir-se à técnica do ensinamento, métodos de aprendizagem, estudos da capacidade dos educandos, pode chamar-se científica e objetiva. Porém, no concernente a teorias e fins da educação, se relaciona com a posição filosófica e social do educador.

Para que educar?
Aqui é onde surgem os problemas, porquanto os fins almejados condicionam os métodos por empregar. A Igreja e o Estado têm uma posição que defendem intransigentemente e nós os partidários da liberdade e autodeterminismo, outra, antagônica. Portanto, encontramos reproduzidos no terreno da educação os dois espíritos que lutam no campo social: autoridade e reação por um lado, liberdade e progresso por outro.

No referente aos fins teóricos, as mais importantes figuras da pedagogia contemporânea coincidem com os libertários.

Assinalaremos sucintamente porque seus métodos não se universalizam ou perdem eficácia ao aplicar-se.

Adler, Decroly, Montessori, Washburne, Natorp, Kerschenteiner e outros, renovaram a pedagogia e fizeram ver claramente a insuficiência da escola clássica, criticaram a instrução puramente acadêmica, introduziram novas técnicas para o ensino e sobretudo assinalaram a nocividade dos métodos autoritários na educação das crianças.

Todos eles, ainda que não concordem em questões técnicas, coincidem numa base comum, base ou fundamento que poderia caracterizar-se pelos seguintes pontos:

1) Que a criança é uma personalidade que merece tanto respeito como um adulto.

2) Que tanto melhores e mais sólidos são seus progressos, quanto menos intervem o mestre ativamente e mais se limita a ser orientador e auxiliar.

3) Que, para isso, é indispensável um clima de liberdade e que deve tender à supressão de todo tipo de sanções.

Estas são as comprovações a que chegou a pedagogia contemporânea; porém, de outro lado, temos os interesses do Estado e das castas dominan-

tes que são opostos. Não obstante, o Estado não se opõe, em princípio, a essas idéias, ainda que, naturalmente, como organismo autoritário e conservador por excelência, tem que ver com desconfiança tudo o que seja inovação e tenda à liberdade e igualdade. Em todo Estado, democrático ou totalitário, a instrução pública supõe o ensinamento de certos princípios acompanhados de uma educação nacionalista tendente a formar cidadãos, isto é, indivíduos que aceitem sem crítica uma ordem de coisas favoráveis a certos setores da sociedade, subordinação disfarçada sob o manto de interesses superiores, a entes abstratos como Lei, Pátria, etc.

O Estado e os estadistas de esquerda ou direita, combatem toda aspiração igualitária, quer apoderando-se das novas idéias para desvirtuá-las, quer fazendo com elas uma caricatura como sucedeu com as idéias de revolução, liberdade, socialismo, comunismo ou justiça social.

Em pedagogia, por exemplo, os progressos seriam efetivados se a escola estivesse nas mãos dos interessados: pais, mestre e alunos. Como não sucede tal coisa, fica o aspecto exterior, os atos solenes de inauguração de institutos e discursos de ministros.

Naturalmente, cremos ser mais fácil transformar a sociedade do que conseguir que o Estado desista do controle de tão poderoso instrumento de conformação mental como é a escola.

Se as idéias pedagógicas de Adler, por exemplo, se estendessem e se aplicassem integralmente, significaria um perigo para o Estado que este não toleraria. Suponhamos, para ser mais explícitos, um indivíduo consciente, com personalidade e forte sentimento de comunidade, ao chegar à idade em que as leis determinam o cumprimento do serviço militar obrigatório: poderia ser um bom soldado, isto é, uma engrenagem sem vida dentro de uma monstruosa maquinaria? aprenderia a arte de assassinar friamente e receber ordens sem discutir?

Admitamos, não obstante, que o Estado não oponha entraves aos ensaios pedagógicos, mas, sim, que os apoie. Podem estender-se e aplicar-se as novas idéias na forma que seria desejável? Não é a burocracia um dos de-

1.º DE MAIO

DADOS HISTÓRICOS



tores do atentado — Augusto Spies, Michael Schwab, Samuel Fielden, Adolfo Fischer, Jorge Engel, Luiz Lingg, Oscar W. Neebe, Alberto Parson. No dia 20 de agosto se fez público o veredito — sete condenados à morte. O. W. Neebe, à reclusão por quinze anos. Posteriormente, a pena de morte a que foram condenados Schwab e Fielden foi comutada pela de prisão perpétua. Luiz Lingg metendo em sua boca uma cápsula, de uma polegada de comprimento, cheia de fulminato de mercúrio, fez voar sua cabeça antes que os verdugos o pudessem enforcados no dia 11 de novembro de 1887.

PALAVRAS DOS CONDENADOS

Schwab: "Nós, os anarquistas, cremos que se aproximam os tempos em que os explorados reclamarão seus direitos aos exploradores..."

Spies: "Enforcai-nos! A verdade crucificada em Sócrates, em Cristo em Giordano Bruno, em João Huss, em Galileu, vive ainda. Estes e muitos outros nos precederam, nós estamos prontos a seguir-lhes..."

Neeb: "Outro delito tenho, é o de haver contribuído para organizar várias sociedades de ofícios, por, por minha parte, tudo o que pude para obter reduções nas jornadas de trabalho..."

Fischer: "Fui tratado aqui como um assassino e só me provaram que sou anarquista... Mas se eu hei de ser enforcado por professar idéias anarquistas, por meu amor à liberdade, à igualdade e à fraternidade... Se a morte é a pena correlativa à nossa ardente paixão pela liberdade da espécie humana eu lhes digo bem alto: Disponham de minha vida..."

Lingg: "Não é por um crime que vós nos condenais à morte, é pelo que aqui se disse em todos os tons: é pela anarquia e posto que é por nossos princípios, eu grito sem temor: Sou Anarquista... eu vos desprezo: desprezo vossa autoridade. Enforcai-me... companheiros, não é meu propósito aconselhar-vos qual há de ser vossa conduta nos dias de legalidade brutalizada que se aproxima, só tenho que dizer-vos: SEDE HOMENS. Com um viva à anarquia me despeço de vós..."

Engel: "Aqui também nesia livre república, no país mais rico do mundo, há muitos operários que não têm lugar no banquete da vida e como párias sociais arrastam uma vida miserável..."

Fielden: "Se quereis vida por invocar os princípios do socialismo e da anarquia em favor da humanidade, eu a dou contente: creio que o preço é insignificante ante os resultados grandiosos dos nossos sacrifícios..."